ANO XXII | Fevereiro — 1962 | Nº 2

VISÕES DA GLÓRIA FUTURA

Nos dias mais negros de seu longo conflito com o mal, à igreja de Deus têm sido dadas revelações do eterno propósito de Jeová. A Seu povo tem permitido olhar para além das provas do presente aos triunfos do futuro quando, findo o conflito, os redimidos entrarão na posse da Terra Prometida. Essas visões de glória futura, cenas pintadas pela mão de Deus, deviam ser estimadas por Sua igreja hoje, quando a controvérsia dos séculos está chegando ao fim, e as bênçãos prometidas devem ser logo experimentadas em tôda a sua plenitude.

Muitas foram as mensagens de confôrto dadas à igreja pelos profetas do passado. "Consolai, consolai o Meu povo" (Is 40:1), foi a comissão dada por Deus a Isaías; e com a comissão foram dadas maravilhosas visões que têm sido a esperança e gôzo dos crentes através dos séculos que se têm seguido. Desprezados dos homens, perseguidos, abandonados, os filhos de Deus em todos os séculos têm sido não obstante sustentados por Suas fiéis promessas. Pela fé êles têm olhado para o tempo em que Êle cumprirá para com Sua igreja a promessa: Eu "te porei uma excelência perpétua, um gôzo de geração em geração". Is 60:15. Não raro é a igreja militante chamada a sofrer prova e aflição; pois não é sem severo conflito que a igreja deverá triunfar. "Pão de angústia e água de apêrto" (Is 30:20), pertencem à sorte de todos; mas ninguém que ponha a sua confiança nAquele que é poderoso para livrar será inteiramente subjugado. "Assim diz o Senhor que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque Eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és Meu. Quando passares pelas águas estarei contigo, e quando pelos rios êles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti. Porque Eu sou o Senhor teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador; dei o Egipto por teu resgate, e a Etiópia e Seba por ti. Enquanto fôste precioso aos Meus olhos, também fôste glorificado, e Eu te amei, pelo que dei os homens por ti, e os povos por tua alma". Is. 43:1-4.

E. G. White

Observador da Verdade
Mensário

Boletim oficial da União Missionária dos A. S. D. - Movimento de Reforma - no Brasil, com sede à Rua Tobias Barreto, 809 — São Paulo — Brasil

ANO XXII, Nº 2, Fevereiro
— 1962 —

Diretor: André Lavrik

Redator responsável:
Ascendino F. Braga

Escritório: Rua Tobias Barreto, 809
Tel 93-6452, S. Paulo.

Redação, Administração e Oficinas:

Rua Amaro B. Cavalcanti, 21,

Vila Matilde, S. Paulo

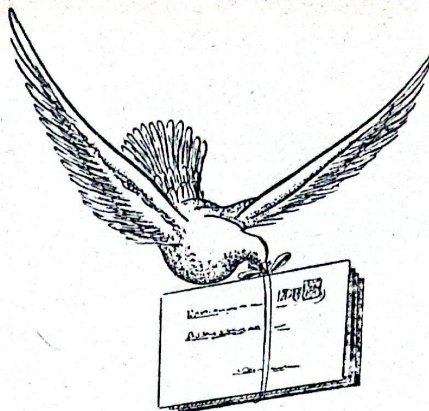
Correspondência à

Editôra Missionária "A Verdade Presente", Caixa Postal 10.007
— S. Paulo. —

SUMÁRIO

—//—

PENSAMENTO

O segrêdo da vida alegre e constante é estar em paz com Deus e com a natureza.
Pascal.

ESCREVEM-NOS...

De Campinas, São Paulo:

"Peço-lhes a gentileza de enviarem-me folhetos instrutivos sôbre a Bíblia. Lendo um intitulado 'Não Aceiteis Dinheiro em Envelope Fechado', gostei muito. Achei tanto ensinamento maravilhoso!"

S. B.

De São Luiz, Maranhão: (telegramas)

"Peço enviar-me máxima urgência via reembolso postal aéreo vosso livro 'Morrendo o Homem Continua Vivendo?' ".

J. C. F.

"Imensamente satisfeito recebi vosso livro. Resolveu minha dúvida e resolverei a de outros. Necessito também do livro 'Conhecereis a Verdade...' ".

J. C. F.

De Bauru, São Paulo:

"Lendo um dos folhetos dessa Editôra, encontrei nêle grandes verdades; peço-lhes que me enviem mais alguns, para eu distribuir entre meus companheiros... Tenho a certeza de que uma leitura dessa natureza fará qualquer alma chegar ao conhecimento do Evangelho de Jesus Cristo".

J. M. M.

De Santa Bárbara do Oeste, São Paulo:

"Desejando conhecer a revista 'O Fiel Orientador', peço-lhes informarem o preço da assinatura anual. Aproveitando a oportunidade, peço-lhes o obséquio de enviarem-me literatura referente à Vida Eterna".

C. A.

ESTAI EM GUARDA!

E. G. White

O inimigo está-se preparando para enganar o mundo inteiro por meio do seu poder de fazer milagres. Êle assumirá a aparência dos anjos de Luz e do próprio Cristo. Qualquer que ensine a Verdade para êste tempo deve pregar a Palavra. Aquêles que se apegam à Palavra não abrirão as portas para Satanás mediante imprudentes declarações a respeito de profecias, sonhos e visões. Em maior ou menor grau tem havido falsas manifestações aqui e ali desde 1844... Elas reaparecerão com freqüência cada vez maior, e nós, como fiéis sentinelas, devemos estar em guarda. Cartas me têm sido enviadas por pessoas que alegam ter tido visões e pensam ser seu dever relatá-las. Queira o Senhor ajudar Seus servos para que sejam prudentes.

Quando o Senhor tem um verdadeiro canal de luz, aparecem sempre muitas contrafações. Satanás certamente entrará por qualquer porta aberta para êle. Êle dará mensagens de Verdade misturando porém a Verdade com suas próprias idéias, preparadas para iludir as almas, para atrair a mente para os instrumentos humanos e seus discursos, e para evitar que elas se apoiem firmemente em um "Assim diz o Senhor". No trato do Senhor com Seu povo tudo é calmo; com aquêles que confiam nÊle tudo é calmo e modesto. Serão crentes na Bíblia, simples, verdadeiros, sinceros, e serão não só ouvintes, mas também cumpridores da Palavra. Esperarão em Deus de maneira sadia, séria e sensata. Os crentes lançarão suas desamparadas almas sôbre Jesus Cristo, e Êle será exaltado. Nossa posição é: trabalhar e orar, vigiar e esperar.

Foi-me trazida uma questão concernente a que atitude deveríamos tomar com referência ao trabalho de uma irmã na Alemanha, que alega ter visões. A palavra do Senhor veio a mim durante a noite passada, dizendo que Deus não dirige Seu povo para buscar conselhos dessa irmã. Se acoroçoássemos o trabalho que essa irmã pensa ter sido chamada para fazer e as mensagens de que ela é portadora, seria causada grande confusão. O Senhor não a incumbiu de dizer a êste ou àquele o que deve fazer. Êle diz a Seu povo: "Vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei. Tomai sôbre vós o Meu jugo e aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas; porque o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve". Mt 11:28-30. "Se alguém tem falta de sabedoria peça-a a Deus que a todos dá liberalmente e não a lança em rosto e ser-lhe-á dada. Peça-a, porém, com fé não duvidando porque o que duvida é como a onda do mar que é movida pelo vento e lançada de uma para outra parte. Não pense tal homem que receberá do Senhor alguma coisa". Tg 1:5-7.

Ensinai o povo a buscar individualmente a direção de Deus, a estudar as Escrituras e a aconselhar-se mùtuamente com humildade, devoção e viva fé. Mas não acoroçoeis essa irmã a pensar que o Senhor lhe deu mensagens para o povo. A luz que me foi dada com referência a êste caso é que, se esta irmã fôsse acoroçoada a pensar que lhe foram dadas mensagens para outros, o resultado seria desastroso e ela estaria em perigo de perder a sua própria alma.

Minha mensagem para a irmã é: Anda humildemente com Deus e olha a Êle por ti mesma. Deus não te deu a incumbência de apontar deveres dos outros; mas poderás prestar ajuda se fôres uma cristã sincera, buscando animar outros e não pretendendo ter revelações sobrenaturais.

Provados pela Lei e pelo Testemunho.

Nestes dias de enganos, todo aquêle que está firmado na Verdade terá que lutar pela fé que uma vez foi dada aos santos. Muitas varidades de enganos serão manifestadas na misteriosa operação de Satanás, as quais, se fôsse possível, enganariam até os escolhidos, desviando-os da Verdade. Haverá sabedoria humana a ser enfrentada — a sabedoria de homens eruditos, que, como faziam os fariseus, são ensinadores da lei de Deus, ao passo que êles próprios não obedecem a essa Lei. Haverá ignorância humana e insensatez a ser enfrentada em teorias incoerentes, adornadas com novas e fantasiosas vestes, que serão mais difíceis de enfrentar porque não há fundamento nelas.

Haverá sonhos falsos e falsas visões que, por terem algo de verdadeiro, desviam da fé original. O Senhor deu aos homens uma regra pela qual êsses enganos podem ser notados: "À Lei e ao Testemunho! se êles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva". Is 8:20.

Se homens desprezam a Lei de Deus, se não atentam para Sua vontade revelada nos Testemunhos do Seu Espírito, são enganadores. São controlados por impulsos e impressões que êles julgam vir do Espírito Santo e os consideram mais seguros do que a Palavra Inspirada. Pretendem que cada pensamento e sentimento é uma impressão do Espírito; e, quando se arrazoa com êles pelas Escrituras, declaram que têm alguma coisa mais segura. Mas, enquanto pensam ser guiados pelo Espírito de Deus, estão em realidade seguindo uma imaginação influenciada por Satanás.

Provados "Pelos seus Frutos"

Nestes dias de perigos não devemos aceitar tudo que os homens nos tragam fessos mestres enviados de Deus, declarancomo Verdade. Quando vêm a nós pro do que têm uma mensagem de Deus, é oportuno inquirir cuidadosamente: "Como posso saber se isso é Verdade?" Jesus nos preveniu que "surgirão muitos falsos profetas e enganarão a muitos" (Mt 24:11). Mas não precisamos ser enganados; a Palavra de Deus nos dá uma prova pela qual podemos saber qual é a Verdade. O profeta diz: "À Lei e ao Testemunho! se êles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva". Is 8:20.

De acôrdo com essa declaração, é evidente que temos que tornar-nos diligentes estudantes da Bíblia para que possamos saber o que está de acôrdo com a Lei e os Testemunhos. Estaremos seguros sòmente se agirmos dessa maneira. Jesus disse: "Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos de ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, tôda a árvore boa produz frutos bons, e tôda a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons. Tôda a árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo". Mt 7:15-19.

DEUS FALA POR MEIO DOS TESTEMUNHOS

"Temos que seguir as direções dadas por meio do Espírito de Profecia. Temos que amar a verdade para êste tempo e a ela obedecer. Isto nos guardará de aceitar fortes enganos. Deus nos falou por Sua palavra. Falou-nos pelos Testemunhos, pela igreja, e pelos livros que têm ajudado a esclarecer o nosso dever presente bem como a posição que devemos ocupar agora" 3TSM:275.

——//——

COMO DEUS ME AJUDOU A PASSAR A FRONTEIRA

"Pareceu-me bem fazer conhecidos os sinais e maravilhas que Deus, o Altíssimo, tem feito para comigo. Quão grandes são os seus sinais, e quão poderosas as suas maravilhas! o seu reino é um reino sempiterno, o seu domínio de geração em geração". Dn 4:2, 3.

A oito de outubro de 1961 embarquei rumo a Berlim para avistar de longe a minha espôsa e os meus filhos que se achavam do lado ocidental.

De uma distância de 250 a 300 metros, usando binóculos, vimo-nos recìprocamente e acenamos uns para os outros.

Oito dias mais tarde empreendi a mesma viagem rumo a Berlim, pois que da outra vez eu descobrira finalmente um lugar donde poderíamos avistar-nos de mais perto. Todavia, como nesse dia bem cêdo três mulheres, cortando a cêrca de arame farpado, haviam fugido, a VOPO (polícia do setor oriental) estava mantendo maior vigilância nesse lugar e não foi possível avistar-nos dali como havíamos combinado.

O Senhor, porém, nos ajudou de tal maneira que, depois de muita procura, encontramos outro lugar onde pudemos avistar-nos de uma distância de 70-80 metros, apesar de a sentinela me haver intimado duas vêzes a que eu me afastasse.

As 16,30 h, depois do último aceno mútuo, abandonamos cada qual o lugar. Eu, porém, afastei-me com o firme propósito de, confiado inteiramente na ajuda de Deus, saudar minha espôsa e meus filhos na manhã seguinte, às seis horas, em sua própria casa.

Fui a um cemitério que distava uns 120 a 130 metros da fronteira, para ver onde a VOPO tinha seus postos de observação e em que posição se achavam os faróis, como era a topografia do local, etc.

Depois de alguma procura descobri um meio de passar por cima do muro de 3,50 m de altura. Do outro lado havia árvores arrancadas dos outrora florescentes jardins. Uma dessas árvores se achava bem próxima de um dos postos da polícia, e para ali me dirigi com a ajuda de Deus. Dali pude observar a guarnição e tôdas as suas manobras, o funcionamento dos faróis, e tôdas as minhas possibilidades e impossibilidades.

Fiquei ali das 8 horas da noite até as duas da madrugada. Orei muito durante todo êsse tempo, para que Deus me desse a fé e coragem suficientes, bem como a tranqüilidade, a paz e a segurança. Também pedi que me concedesse não precisar tossir ou espirrar, como o faziam os guardas da VOPO, por causa do frescor da noite; e também êsse pedido meu foi atendido pelo trono da graça. Durante essas horas angustiosas, pensei muito em dois versículos da Bíblia: "Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito" (Jo 15:7); e "...e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vitorioso, e para vencer". Ap 6:2 u.p.

Pedi também a Deus que me indicasse o lugar e o momento exatos em que eu deveria fazer a travessia. O relógio mar-

cou 20, 21, 22, 23, 24 horas, 1 hora da madrugada e nenhuma resposta. Continuei olhando ao lindo céu estrelado, principalmente à constelação de Órion, até que o relógio marcou duas horas e então senti como se uma voz me dissesse interiormente: "Já é tempo de ires; do contrário, não alcançarás o alvo".

Cruzando o terreno coberto de escombros de casas derrubadas, aproximei-me da cêrca de arame farpado. Para minha surpresa, a cêrca não era simples, mas, sim, dupla, havendo um espaço de 30 a 35 centímetros a separar uma da outra.

Depois de alguma procura cheguei a um lugar onde havia uma árvore, em relação à qual eu antes ouvira interiormente como que uma voz a orientar-me: "Deves procurar passar a cêrca perto daquela árvore". Aí mesmo empreendi a travessia, mas repetidamente fiquei prêso no arame farpado, e passei pela primeira cêrca com a capa rasgada. Depois de um intervalo empreendi a travessia da segunda cêrca, o que exigiu de mim o mesmo esfôrço. Passei. Comecei a respirar. Meu coração estava alegre. Mas eis que de repente chegam os guardas da VOPO, que haviam ouvido meu ruído. Não tive tempo para fugir. Deitei-me bem juntinho da cêrca e fiquei sem me mexer, enquanto os guardas iluminaram a cêrca de fora a fora. Ouvi um dizer ao outro: "Ali está êle". Outro ordenou: "Apontai as armas para atirar". Fiquei calmo e tranqüilo. Tinha a paz de Deus no coração. "Levanta-te" — clamou um dos guardas — "levanta as mãos e passa para cá". Levantei-me, mas não ergui as mãos. Fiz como Davi: "Então fugiu Davi, e escapou naquela mesma noite" (I Sm 19:10). Dei um salto por cima de uma vala e, com mais alguns saltos, achei-me no meio dos juncos de um brejo. Lá fiquei sem me mexer e sem fazer ruído.

Apareceu imediatamente um refôrço da polícia e os faróis da guarnição foram dirigidos para iluminar o local onde eu me encontrava. A possante luz dos faróis ia além de onde eu estava deitado e, enquanto os guardas ansiosos me procuravam, eu orava a Deus para que os ferisse de cegueira a fim de que não me encontrassem. "Tu Senhor" — disse eu — "me ajudaste até agora e me ajudarás até o fim". Essa súplica também foi ouvida pelo trono da graça; os guardas, depois de baldados esforços, desistiram de me procurar e voltaram para seus postos. Eu, por minha vez, procurei afastar-me da proximidade da cêrca. Como o brejo me impedia de prosseguir, tive que contornar a cêrca novamente a fim de procurar um lugar donde pudesse afastar-me desimpedidamente, o que consegui com a ajuda de Deus.

Achando-me quase fora da faixa fronteiriça e, portanto quase fora de perigo, tive que atravessar a linha férrea que se estendia sôbre um atêrro, paralela a fronteira, e que era iluminada pelos faróis da VOPO mas que já se achava em território ocidental. Finalmente, quando já em segurança, meu primeiro passo foi agradecer e louvar o Senhor pela Sua ajuda e salvação. Pensei no Salmo 127:1 que diz: "Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela". O vigiar dos guardas da VOPO foi em vão, porque o Altíssimo estava comigo. Jesus Cristo havia enviado os seus anjos para cegar-lhes os olhos. Honra seja dada a Êle!

Pensei também em Hb 10:33. Reclamei as promessas de Deus e elas se cumpriram em meu favor. Por isso não posso deixar de louvar o Altíssimo.

Às 5,30 h bati à casa da minha família, surpreendendo minha espôsa e meus filhos. Todos reconheceram que Deus havia operado mais um milagre em favor daqueles que O temem e Lhe obedecem.

Irmão S.

CARTAS DE DEMISSÃO À "CLASSE NUMEROSA"

São Paulo, 21 de setembro de 1961.

Prezados irmãos
Pastor, dirigentes e membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, de Vila Matilde.

Saúdo-vos cordialmente com Ez 2:8; 34:9-14; Jr 7:4.

Por meio desta, tomo a iniciativa de comunicar-vos a minha convicção religiosa, à qual cheguei ùltimamente, depois de acurados estudos da Palavra de Deus — a Bíblia e os Testemunhos do Espírito de Profecia (Os 2:2).

Como adventista do 7.º Dia, vivia, durante algum tempo, como vive a maioria dos adventistas, despreocupada e bem satisfeita, como se a coluna de nuvem, de dia, e a de fogo, à noite, pousassem sôbre o santuário (3TSM:252). Mas, quando menos esperava, fui surpreendida pela mensagem de Ap 3:20 — "Eis que estou à porta e bato...". "Nosso Redentor — diz a irmã White — envia Seus mensageiros a darem testemunho perante Seu povo. Êle diz: 'Eis que estou à porta e bato...' Ap 3:20. Muitos, porém, recusam recebê-lO... Que terrível coisa é excluir a Cristo de Seu próprio templo! Que prejuízo para a igreja!". (2TSM:500).

Dita mensagem, enviada por Cristo, cumpriu em mim o seu sagrado objetivo, isto é, esclareceu-me que a igreja que está em "Laodicéia" (Ap 3:14) é a Igreja Adventista do 7.º Dia, organização de 1844, e que dita Igreja — a começar por seu "anjo" (ministério) — de há muito tempo se acha enquadrada na lamentável condição predita nos versos 15-17 de Ap 3. Aprendi que foi pelo espezinhar dos raios de luz que, no comêço, lhes brilhou na alma, bem como pelo rejeitar dos novos "raios" que lhes vieram posteriormente, que a igreja se embrenhou em tão triste situação espiritual, de miserável, e pobre, e cega, e nua.

Descobri, também, que, durante muitos anos, o Espírito de Profecia, na pessoa da irmã E. G. White, avisou, advertiu, etc., a igreja que, como um povo, se enquadrara nessa condição cujo único remédio era, sem perda de tempo, fazer uma completa e decidida reforma. Vi, porém, pelos testemunhos e pelas idéias e práticas da igreja, mormente pela resposta que diz: "Rico sou... e de nada tenho falta", que tais advertências, conselhos, apelos, etc., conforme Ap 3:18, 19, foram categòricamente rejeitados pela maioria da igreja, a começar pelo ministério ("anjo").

"... a luz que lhes brilhou na alma — diz a irmã White — mas que foi negligenciada e recusada, há de condená-los". (2TSM:299).

Mas, conforme se lê em SC: 39, nem todos se enquadravam nessa situação. Apesar de a igreja, como nos diz o texto, ter deixado de seguir a Cristo, Seu guia, e ter retrocedido, constantemente, "rumo do Egito", "... poucos ficam alarmados ou atônitos..." (SC:39, nova edição).

Porventura êsses "poucos", "alarmados", ficariam até ao fim unidos com os muitos mornos que, constantemente, retrocedem para o Egito? Oh! Não. Uma "forte sacudidura" foi predita para peneirar, dentre a maioria morna e cega, os "poucos" fiéis, dispostos a, sob qualquer circunstância, tomar e seguir o "conselho" da Testemunha fiel (Ap 3:18, 19), ou noutros têrmos, fazer a "reforma" de há muito pedida, e, assim, preparar-se para a chuva serôdia e para a vinda de Cristo (1TSM:59, 60).

No "Conflito dos Séculos", nova edição, pàg. 659, encontramos outro importante quadro profético a respeito da separação que viria entre os muitos mornos

e os "poucos atônitos". Encontramos, na passagem supra, por um lado, uma "classe numerosa" que, "ao aproximar-se a tempestade", abandonaria a sua posição e passaria "para as fileiras do adversário", e, por outro lado, um grupo de "antigos irmãos" de quem a "classe numerosa" se tornaria acerba inimiga.

Como vemos hoje o literal cumprimento de tão importante profecia concernente à vossa igreja, todo o meu anelo, como deve, também, ser o de todos os "laodicenses" sinceros, é *abandonar* a "classe numerosa" que atualmente, ou seja, desde 1914, está nas "fileiras do adversário", e unir-me aos "antigos irmãos" para, juntos, trabalharmos em prol dos sinceros, e preparar-nos para a breve vinda de Cristo.

Os escritos sagrados nos mostram que tal "classe numerosa" se tornou, por um lado, rica sem de nada ter falta, e, por outro lado, miserável, e pobre, e cega, e nua (Ap 3:17; Pv 13:7). Esta é, sem dúvida, a "classe" a respeito da qual foi dito já em 1903: "Como se fêz prostituta a cidade fiel! A casa de Meu Pai é feita casa de venda, um lugar de onde partiram a presença e glória divinas". (3TSM:254).

O futuro dessa "classe numerosa", segundo vários Testemunhos, é assaz triste e desanimador para quem crê e preza a Palavra de Deus e tem fome e sêde de justiça. Vejamos:

1) Cristo pela expressão "vomitar-te-ei", não endossa mais o seu trabalho espiritual nem as suas orações (3TSM:15);

2) Cristo não pode aprovar o seu "espírito" nem a sua "obra" (MM: de 1959, pág. 306);

3) Por causa de sua atitude e indiferença, "será deixada sem o sêlo de Deus" (3TSM:65);

4) É o "Israel" que, no tempo da prova final, tomará o lado fácil e estará sem a glória do Senhor, faltando-lhe, assim, "Seu poder e Sua presença", embora sempre mantivessem "as formas da religião" (2TSM:64);

5) Será "a primeira" a sentir o golpe da ira de Deus, perecendo, junto com dita "classe", "homens, virgens e crianças" (2TSM:65, 66). Apelo, pois, a todos os adventistas sinceros que abram os olhos ante esta mensagem e êste tempo solene!

Ouvi falar num Movimento de Reforma que nasceu na Igreja Adventista, durante a guerra de 1914-1918. Mas os dirigentes, especialmente através da "Revista Adventista", amesquinhavam muito êsse povo, tachando-os de "separatistas, fanáticos, rebeldes, apóstatas, perigosos, lobos", etc., etc., e, sobretudo, "falsos". Mas, ao examinar, sem preconceitos, o caso tal qual êle é, verifiquei que tudo é completamente diferente das acusações dos nossos dirigentes. Vi que tal povo não saiu voluntàriamente, em 1914-1918, da Igreja Adventista, para que pudessem, em realidade, serem tachados de "separatistas", etc. Vi que, por causa de sua fidelidade à Lei de Deus, mormente ao 4.º e 6.º mandamentos, foram expulsos da igreja, e, além disso, tratados mui rudemente pelos que os expulsaram, como o fazem até hoje.

A igreja também rejeitou e espezinhou a luz que trata sôbre a íntegra guarda dos mandamentos (o sábado), a reforma de saúde, o matrimônio, etc., e o que é mais lamentável, como "novidade", é o fato de a igreja, desde 1957, rejeitar a sua primitiva crença a respeito da expiação

que Cristo faz agora, no santuário celeste, e, neste ponto, igualar-se com os protestantes, conforme a própria igreja declara no seu livro recém-publicado sôbre essa "nova luz", em inglês, intitulado: *"Questions on Doctrine"*.

Pelo que foi exposto, bem como por pontos que o espaço não me permite mencionar, eu abaixo assinado, peço eliminação do meu nome do rol de membros da vossa igreja, e fico com o Movimento de Reforma profetizado, para, juntos, trabalharmos em prol de outros que ainda jazem na mornidão.

Com cordiais saudações, subscrevo-me mui

Atenciosamente
Ass. Maria T. Silva

Cabeceira, 3 de janeiro de 1962.

À Comissão da Missão Goiano-Mineira dos Adventistas do Sétimo Dia.
Caixa Postal, 60.
GOIÂNIA, Go.

Prezados irmãos da Comissão:

"Examinai tudo. Retende o bem". I Ts 5:21.

"À Lei e ao Testemunho! se êles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva". Is 8:20.

"Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, O Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação; tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobre-excelente grandeza do seu poder sôbre nós, os que cremos, segundo a operação da fôrça do seu poder". Ef 1:17-19.

"Os judeus aguardavam o Messias; mas Êle não veio como haviam predito que viria, e se Êle houvesse de ser aceito como o prometido, seus eruditos mestres seriam forçados a reconhecer que haviam errado. Êsses líderes separaram-se de Deus, e lidade. Cuidemos para não recusar a luz que Deus envia, por não vir da maneira que nos agrade. Não seja desviada de nós a bênção de Deus por não conhecermos o tempo de nossa visitação. Se houver quem nãoreconheça nem aceite a luz, que não feche o caminho a outros. Não se venha dizer dêste povo, altamente favorecido, o que foi dito dos judeus quando lhes foram pregadas as boas novas do reino: 'Vós mesmos não entrastes, e impedistes os que entravam' ". 2TSM:316,317.

Após muita oração e reflexão, decidi enviar-lhes esta carta, almejando que compreendam verdadeiramente os motivos que me levaram a isso.

Como é do conhecimento dos irmãos, trabalhei na colportagem desde março de 1958 e sempre procurei cumprir fielmente meus deveres para com Deus e os homens.

Tive oportunidade de encontrar-me com os reformistas bem no início de minha experiência religiosa na igreja, e, como não conhecia bem os Testemunhos, fui instruído a não aceitar seus ensinos, nem desejar-lhes êxito, chegando mesmo a obedecer cegamente a essa instrução e a considerá-los como "lobos", "fanáticos", etc. Lendo, porém alguns Testemunhos, decidi-me a examinar os princípios da Reforma de perto e concluí que não é cabível aos reformistas a acusação que lhes é feita.

Entre os muitos pontos de fé se destacam alguns que são rigorosamente obedecidos pelos reformistas e desobedecidos por nós. Eis alguns dêles:

Uso de carne, café e outros artigos prejudiciais; transgressão da Lei de Deus mediante participação na guerra; mundanismo, modas, jogos, divertimentos, etc.; participação na política, (Obreiros Evangélicos págs. 391-396); divórcio e novo casamento; doutrina do santuário; doutrina dos 144.000; etc.

Lendo ainda no livro da irmã White, "Serviço Cristão", pág. 41, compreendi que não deveria estar, por mais tempo, em companhia dos que "vivem como pecadores e alegando ser cristãos!", mas devia atender ao conselho: "Os que pretendem ser cristãos e querem confessar a Cristo devem sair dentre êles e não tocar nada imundo e separar-se..." Compreendi que os reformistas, em 1914, foram expulsos da igreja por sua fidelidade à Lei de Deus. Mantêm êles de pé os marcos antigos, estabelecidos no princípio do Movimento Adventista do Sétimo Dia. Não possuem nova doutrina, errada, mas a original, de acôrdo com a Bíblia e os Testemunhos. Não se encontra sequer um ponto errado na doutrina do Movimento de Reforma. Seus ensinos resistem a qualquer prova escriturística.

Por ter a igreja, à qual pertenci, abandonado a verdadeira posição em relação aos pontos acima mencionados, desejo apresentar minha decisão de unir-me à verdadeira Igreja de Deus, e com os fiéis lutar pela "fé que uma vez foi dada aos santos". Peço, portanto, que risquem meu nome do rol de membros dessa igreja.

Desejo ainda esclarecer que não tomei esta posição por qualquer paixão ou ressentimento pessoal, mas por convicção. Também declaro que não tenho mágoa alguma contra quem quer que seja...

Esperando que entendam claramente o motivo da minha decisão, almejo que o Senhor os ajude a darem o mesmo passo, para o que hei de orar a Deus.

Na expectativa de ser atendido, despeço-me e subscrevo-me com estima.

Ass. Honorato Batista

———//———

MAIS AMOR E MENOS PANCADAS

Alfonsas Balbachas

"E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mais criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor". S. Paulo aos Efésios, cap. 6, vers. 4.

Thelwall e Coleridge discutem um problema muito sério. Falam a respeito da educação dos filhos.

— Acho incorreto influenciar a mente de uma criança — afirma o primeiro —; penso que não se deve inculcar no espírito infantil quaisquer idéias antes que o menor alcance a idade do discernimento, quando escolhe por si mesmo.

Coleridge convida seu amigo para ver seu jardim.

— Eis meu jardim botânico...

— Como assim? — exclama, atônito, Thelwall —; está cheio de mato.

— Oh! — replica o outro — Isso é porque o meu jardim ainda não chegou à idade do discernimento e da escolha. O mato, como vês, tomou a liberdade de crescer, e eu achei incorreto influenciar o solo em favor das rosas e dos morangos.

Para que um rapaz respeite seus pais, é preciso que o dever de respeitá-los lhe seja inculcado desde a mais tenra infância. É êrro usar de muita indulgência para com uma criança de pouca idade, e, depois, usar de muita severidade quando a criança está perto da adolescência.

Se os menores fôrem subjugados nos primeiros anos de sua vida, se fôrem bem encaminhados por uma disciplina severa desde o berço, não será necessário empregar muito rigor para com êles quando passarem para a adolescência, porque saberão respeitar e obedecer aos seus pais.

Enquanto pequenas, as crianças devem considerar seus pais como mestres absolutos e obedecer-lhes com temor. Mas, chegando à adolescência, devem ter seus pais como seus melhores amigos, pois assim os pais terão dos filhos o amor, o respeito e a confiança.

Se mantidos sob contrôle severo, os menores se deixam governar sem oposição, pois não conhecem outra forma de disciplina, e, depois, à medida que atingirem a idade da razão, e à medida que os pais amenizarem o rigor do contrôle, os menores compreenderão que a disciplina anterior se fazia mister temporàriamente.

O regime de obediência que é preciso impor à criança, não deve, todavia, ser levado ao ponto de aniquilar sua pequena personalidade. Quando se lhe impõe uma submissão excessivamente servil, o menor perde tôda a vivacidade, todo impulso, tôda a alegria de viver. Só tem medo de apanhar, e, quando apanha, muitas vêzes mal sabe porque.

Crianças peraltas tornam-se mui freqüentemente jovens espertos, inteligentes, estudiosos, realizadores, ao passo que crianças sempre reprimidas, humilhadas, ameaçadas, espancadas, que vivem num ambiente de medo, tornam-se mui freqüentemente jovens sem iniciativa, sem proveito.

Da parte dos pais se exige, pois, muito tacto, muita habilidade, muita ciência, para evitarem os dois extremos: o rigor excessivo, acabrunhante, destruidor, por um lado, e a frouxidão pervertedora, que também é destruidora, por outro lado. Quem aprendeu a educar os filhos, — quem consegue desviá-los do mal e encaminhá-los para o bem, — empregando nessa difícil tarefa o menor rigor possível, encontrou o segrêdo da eficácia na educação.

Em matéria de educação, os castigos, — principalmente os castigos tardios, — quanto mais freqüentes e severos, tanto mais tendentes a despertar e alimentar nos menores o mêdo, a covardia, a hipocrisia, a passividade, a apatia, a mediocridade, a estupidez.

A vara pode ser necessária no princípio.

E quando obrigados a castigar um filho, não devem os pais esquecer-se de invocar tôda a calma, serenidade e domínio-próprio que possuam. Se o pai ou a mãe estão irados, encolerizados, não o demonstrem. Acalmem-se primeiro; depois apliquem o castigo merecido.

"Grave dano ocasionam às crianças as pessoas coléricas e irritadas", diz C.C. Vigil, "as quais deixam, na verdade de ser entes humanos quando se acham sob domínio da ira. A ira é um pecado capital. É. E, com razão, dos mais horrendos. Degrada o ser humano, desfigurando-o, uma vez que a ira não é mais nem menos do que um regresso à selvageria. Incapazes de discernir entre o bem e o mal, e propensos a tudo imitar, os pequeninos, por sua vez, também se iram e são acometidos dêsses acessos benèvolamente chamados de 'mau gênio' ".

Escreveu Daniel Webster:

"Educai vossos filhos a manterem domínio-próprio. Educai-os a cultivarem

o hábito de manter a paixão, o preconceito e as más tendências subjugados a uma vontade justa e racional, e tereis feito muito no sentido de abolir a miséria da sua vida e crimes da sociedade. O conhecimento não compreende tudo o que encerra o amplo têrmo 'educação'. Os sentimentos é que devem ser disciplinados; as paixões é que devem ser restringidas; motivos verdadeiros e nobres devem ser imbuídos nos jovens; um profundo sentimento religioso deve ser-lhes instilado; uma pura moralidade deve ser-lhes inculcada sob tôdas as circunstâncias. Tudo isso se encerra na educação",

Essa espécie de educação só pode ser ministrada quando conta com muito tacto, muita paciência e muito amor da parte dos educadores.

Quando o menor atinge a idade da razão e o discernimento desabrocha na sua mente juvenil, é contraproducente o emprêgo da fôrça na sua educação.

Uma mulher dirigiu-se certa vez, em Nova York, ao juiz de menores para tratar de internar numa casa de correção um filho desobediente.

O juiz pergunta pela razão dêsse passo apressado, e a mãe, angustiada, explica que Haroldo é muito maù e que nada mais pode fazer para corrigi-lo

Voltando-se para o garôto, o magistrado pergunta-lhe por que não se porta "como homem" e por que não trata melhor sua mãe. "Porque ela bate no meu cachorro", responde o rapazinho.

O gaiato recebera de um vizinho um cachorro. Ensinara-o a fazer algumas habilidades, como pedir, trazer objetos na bôca, etc. Fizera-lhe um canil e, com algum dinheirinho que tinha ganho, comprara-lhe uma coleira.

A mãe confessa que bateu no cão muitas vêzes, como também fizeram as irmãs mais velhas de Haroldo.

O juiz, inteirado da situação, aconselha a mãe a fazer ainda uma experiência antes de entregar o menino a um instituto correcional: tratar bem aos dois — tanto ao gaiato como ao seu cão predileto.

A mãe segue o conselho do juiz. Logo nota que o garôto tem pelo cachorro um afeto tão grande como ela nunca teve pelo filho. Começa agora a gostar do seu Haroldo. Não mais ralha com êle. Trata-o com bondade. E o cãozinho de Haroldo, por sua vez, não sabe mais o que é surra.

Em conseqüência da nova tática da mãe, o garôto muda completamente. Torna-se bom .

Eis um exemplo dos milagres que o amor é capaz de operar quando se lhe oferece a oportunidade.

Como o Sol desenvolve o aroma dos frutos e o perfume das flôres, assim, o amor, empregado na educação, desenvolve o que há de bom, belo, nobre, puro na natureza humana.

Não muito tempo atrás, adotava-se o hábito de castigar as crianças na escola. Daí a expressão: "Dar a mão à palmatória". "Palmatória" era uma pequena peça circular, de madeira, com cinco orifícios dispostos em cruz, e com um cabo, a qual servia nas escolas para castigar as crianças, batendo-lhes com ela na palma da mão. Tinha também outros nomes, como "férula", "menina de cinco olhos", "pavana", etc. E os menores apanhavam mesmo. Mas isso foi proibido por ser considerado criminoso, contraproducente e insensato.

"Existem pessoas", diz C. C. Vigil, "que se esquecem de que, ainda mesmo para os cavalos, só se emprega o chicote quando não se sabe manejar as rédeas. Ainda existem também os que, no lar, empregam a aspereza e a violência para infundir na criança saúde moral e mental. A única coisa que conseguem é aturdi-los e embrutecê-los, porque a fôrça bruta compromete o equilíbrio orgânico, perverte o coração, obscurece a mentalidade, e, finalmente, rebaixa a criança ao nível do mais torpe dos irracionais. Enquanto existirem pais que espanquem os filhos na in-

tenção de dignificá-los, a desditosa humanidade estará ainda muito longe de encontrar alívio para seus sofrimentos".

A repressão e a violência põem em evidência os maus aspectos. Na maioria das vêzes, fazem mais mal do que bem.

O uso de bondade e simpatia, da parte dos educadores, e o conhecimento da natureza do menor, fariam em muitos casos milagres em rapazes tidos como incorrigíveis.

Certa vez uma senhora, ainda jovem, da boa sociedade, transformou um grupo de vagabundos, verdadeiros apaches, em homens sérios, bem intencionados, dignos e cheios de nobres aspirações.

A primeira coisa que ela fêz foi procurar substituir por uma boa influência a má influência a que êles estavam sujeitos e que os tornara o que eram. Convidou, pois, o bando para a sua casa. Mas sua primeira tentativa falhou redondamente. Os rapazes, procedendo como soíam fazer no seu antro, provocaram tanta algazarra que transformaram a casa num verdadeiro manicômio. Mas ela não perdeu a esperança. Continuou a receber os rapazes em sua casa. E, gradualmente, os visitantes foram correspondendo à bondade e ao interêsse que ela lhes testemunhava. Como "o amor é paciente" (I Co 13:4), a senhora alcançou a vitória. Num tempo relativamente curto, os apaches encheram-se de vergonha e respeito para com ela e seu pai, como se tivessem sido criados e educados num ambiente verdadeiramente cristão. Eis a fôrça do amor!

"Educar", afirma Ruskin, "não é meramente fazer ao povo saber o que não sabe; é, isso, sim, ensiná-los a portarem-se como não se portam". E, assevera Ralph W. Emerson, "o segredo da educação está no respeito ao discípulo".

No menor existem, em estado embrionário, as mais nobres qualidades; mas uma educação errada, que só sabe amedrontar e ralhar, que lhe priva a inteligência de ver o amor em palavras e exemplos práticos, pode fazer dum menor um farrapo humano a despertar a compaixão de todos.

A formação do menor depende dos pais, dos professôres, dos companheiros, e do ambiente em que foi criado, porque é dêles todos que tira os elementos que, mais tarde, lhe servem de "tijolos" para a estrutura do seu caráter.

"A experiência mostra", diz Channing, "que a educação prossegue mais ativamente fora da sala de aulas do que dentro dela. Os homens, na vida diária, falam e agem impelidos pelo poder da educação, do hábito e da imitação, dizendo e fazendo muitas coisas que, todavia, não têm raiz alguma na sinceridade das suas convicções".

O ambiente exerce poderosa influência educativa sôbre os menores, despertando e desenvolvendo os germes das qualidades latentes que nêles existem.

Existem, na criança, por assim dizer, germes de tôdas as virtudes e de todos os defeitos.

Se o pai e a mãe são maus, e os professôres também, e se o ambiente é adverso, todos êsses fatôres se conjugam para explorar na criança o que nela há de mau. Suas más qualidades se despertam e se desenvolvem. E o jovem torna-se uma ruína humana. Se, porém, o pai e a mãe são bons, e os professôres também, e se o ambiente da criança é favorável, êsses fatôres todos se combinam para explorar o que nela há de bom. Suas boas qualidades se despertam e se desenvolvem. E o jovem se torna um homem de valor. O mal favorece o mal; o bem favorece o bem.

Lindse, um juíz que fundou tribunais de menores nos Estados Unidos, homem que possuia, talvez, conhecimentos mais seguros sôbre rapazes e meninas do que os melhores psicólogos, afirma:

"A criança é uma criatura maravilhosa, um ser divino; podemos esperar muito dela, mas ela tem também muito a es-

perar de nós, e o que ela nos dá depende em grande parte do que nós lhe damos a ela".

O menor pode vir a perder por completo a personalidade, ora porque lhe ralham e o espancam constante e brutalmente, ora porque lhe lembram sempre as falhas em que incorreu, e ora porque lhe dizem que nunca chegará a dar coisa boa na vida.

Nestas condições, o menor perde tôda a confiança em si mesmo, e, em vez de se desenvolver — corpo, alma e espírito — harmônicamente, não alcança resultado positivo quer no estudo, quer no trabalho, quer em coisa alguma. Perde todo o estímulo pelo esfôrço e pelo progresso. Perde a personalidade. Dá lugar ao desenvolvimento de complexos.

Há pais que falam mais ou menos assim ao filho: "Vamos, vagabundo! Não prestas para nada. Não sei quem te fêz tão estúpido. Ainda não vi outro tão burro como tu. Nunca serás alguém na vida." Repreensões como essas são um veneno para o menor. Desanimam qualquer rapaz e o tornam apático.

Após certo tempo, êle não se importa mais com as reprovações, não se incomoda com os seus deveres, nem faz caso de coisa alguma.

Um pai deve ter maior interêsse em não perder o bom conceito, a confiança e o amor do filho do que em conservar a amizade do seu melhor amigo. Se, pois, êle o corrige encolerizado, perde-o em vez de ganhá-lo.

É verdade que a severidade é às vêzes necessária mesmo com o adolescente, mas os pais não podem ganhar a confiança e a amizade dos filhos por outros meios que aquêles de que se servem para ganhar a amizade e a confiança dos amigos.

Ao amor corresponde o amor, ao respeito o respeito, à confiança a confiança.

Se o pai revela amor pelo filho, empregando bons modos, se manifesta interêsse pelos seus problemas, se mostra que é o seu maior amigo, pode estar certo de que ganhou o filho; doutra maneira, porém, não.

Havia uma mulher muito jeitosa para lidar com crianças. Quando lhe nasceu o primeiro filho, pessoas vizinhas e amigas lhe disseram que, como ela era boa demais, seus filhos haviam de estragar-se, visto como ela, em vez de reprimi-los com rigor, apenas sabia, como tudo indicava, mostrar-lhes amor. Mas o resultado foi diferente do que esperavam. Ela criou muitos filhos de maneira admirável. Disse que nunca lhes aplicou castigo corporal, nem lhes dirigiu palavras ásperas. O amor foi seu único meio de disciplina-los. E que esplêndido resultado deu! Nenhum de seus filhos se extraviou. Todos se fizeram homens e mulheres de valor. A mãe, graças à sua habilidade, fizera sobressair o que de melhor havia nos filhos, e êstes a consideravam como a melhor pessoa do mundo.

O método do amor é tão infalível como a lei da gravidade, afirma Marden. E o apóstolo dos gentios diz que "o amor nunca falha". (I Co 13:8).

Muitos pais supõem amar os filhos, quando, na realidade, são os seus maiores inimigos, porque, pelo exemplo que lhes dão e pelo trato que lhes ministram, despertam e cultivam o que nêles há de mau, a saber, os frutos da carne: o egoísmo, a inveja, o ciúme, o desrespeito, a ira, o ódio, a crueldade, a contenda, a falsidade, a desonestidade, a ociosidade, a glutonaria, a bebedice, enfim, a perversidade em todos os sentidos.

Se os pais cedem às fantasias dos filhos, e, ainda mais, se lhes mostram exemplos de vaidade, tolice, de maus costumes e procedimento reprovável, se lhes fazem as coisas que a êles mesmo compete fazer ou aprender a fazer corretamente, se consentem em que os filhos faltem à aula quando fingem estar doentes, se os amimalham quando de nada sofrem a não ser de um pouco de manha, se os animam a chorar quando caem ou se machucam, se lhes dirigem palavras de pie-

PAIS, PROFESSÔRES E ALUNOS

Maria A. A. Balbachas

Na educação das almas juvenis, pais e professôres defrontam com graves problemas, um dos quais é a cabulagem.

As repetidas faltas de um aluno à escola, parecem à primeira vista um fato sem importância, mas, considerando-se o perigo que lhes jaz à base, devem despertar preocupação na mente de pais e professôres.

As ausências decorrentes de motivos de fôrça maior, são perfeitamente justificáveis, e a justificação deve ser feita pelo pai, mãe ou responsável.

Muitos pais, todavia, por mera negligência, não querem dar-se ao trabalho de justificar as ausências dos seus filhos, tampouco se preocupam com verificar no boletim o número de faltas e investigar se tôdas elas tiveram seu consentimento. A negligência dos pais continua. Seu auto-engano persiste. Confiam demasiadamente nos seus filhos, que se desviam cada vez mais, e com freqüência se pervertem irrecuperàvelmente. Um dia os pais vêm a saber que seus filhos faltam à aula para namorar, freqüentar cinema, andar em companhias impróprias, etc., e que estão sendo fatalmente impelidos à rampa dos perigos morais.

Quando o menor passa da meninice para a adolescência, entre os 12 e 15 anos, quando seu desenvolvimento mental se manifesta, muitas vêzes, por crises de rebeldia no lar e na escola, quando o espírito de aventura, alimentado por fontes tôlas, insalubres ou corruptoras, tornam o menor fácil prêsa dos males da sociedade, cujas sinistras seduções o aliciam para uma vida de vícios degradantes, então êle se acha mais rodeado de perigos, e é justamente então que o problema das faltas à aula assume aspecto mais delicado.

Muitas vêzes, enquanto os pais, nada suspeitando, pensam que seus filhos estão regularmente recebendo preciosas lições escolares destinadas a prepará-los para uma vida útil, nobre e gloriosa, êles estão, em realidade à beira dos precipícios da devassidão, recebendo, de maus companheiros, lições tendentes a levá-los à perdição.

A falta de estreita cooperação entre pais e professôres dá origem a muitos casos tristes de desvios de conduta por parte dos jovens. É, pois, mister que haja entre o lar e a escola, mais íntima relação, e mais rigorosa vigilância, mormente no que diz respeito às ausências à aula. Para não se desencaminharem, os menores, no século XX, necessitam de freios mais fortes do que em tempos anteriores. Grande é a responsabilidade dos pais e professôres!

---

dade quando se magoam, em vez de os ensinarem a suportar com coragem a dor e a sofrerem com virilidade os golpes das circunstâncias, sem choramingar como covardes, se os pais assim procedem com seus filhos, então cultivam os gérmens do mal que nêles há, e os preparam para se tornarem uma maldição para si mesmos, para as suas famílias e para a sociedade.

"A educação é o maior e o mais difícil problema que pode ser apresentado ao homem", assevera Emanuel Kant.

De fato. A educação é a tarefa mais árdua, mais delicada e mais sagrada do mundo. É uma obra que reclama muita prudência, muito critério, muita paciência. E êsses requisitos só o amor os encerra.

Educai, pois, os vossos filhos, educai-os sem nunca vos cansardes, mas educai-os sempre com amor.

——//——

SE A OBRA DE TEMPERANÇA FÔSSE LEVADA AVANTE...

A vida dos povos, encarada quer do ângulo material, quer do ângulo moral, está ìntimamente relacionada com os hábitos sanitários e principalmente com a alimentação de que se servem. Quanto mais a nutrição se aproxima do natural, tanto melhor a vida dos povos, e, ao contrário, quanto mais se afasta do natural, tanto pior.

O falso progresso do modernismo alimentar, essa multiplicação de conservas e enlatados, uma das loucuras características do século XX, que a muitos oferece uma enganosa comodidade, é um dos mais ativos agentes patogênicos. O comer carne, principalmente da de porco; o uso de frituras, comidas gordurosas, café, álcool, tabaco, etc.; o comer em excesso e o comer a qualquer hora, são outros agentes causadores de doenças.

A experiência mostra que quem deseja ter saúde deve viver estritamente de acôrdo com as leis da natureza, norma essa que é a base da verdadeira medicina.

O povo, na maioria, está viciado por um modo de viver errado. Não estão dispostos a dar ouvidos aos mais convincentes argumentos do Naturismo, nem se deixam demover de sua inexplicável indiferença pelas mais fortes evidências ou por fatos os mais inegáveis.

Incrédulos por um lado, são por outro lado crédulos demais. Gastam rios de dinheiro na farmácia, comprando, usando e abusando de produtos de laboratório que não têm as virtudes curativas apregoadas pela propaganda.

Farmácia dá muito lucro perto de bar e açougue, mas vai à falência perto de quitanda.

As despesas de bar e açougue são, via de regra, diretamente proporcionais às despesas de farmácia; as de quitanda são, porém, inversamente proporcionais às de farmácia.

Lamentàvelmente, porém, é moda seguir o que recomenda o espírito de imitação. Êsse vício inveterado demanda, dos partidários da reforma de saúde, esforços gigantescos para encará-lo em tôda a sua vastidão e complexidade, dar-lhe combate, e ganhar terreno contra o mesmo.

Fôrça é que todos os vegetarianos e naturistas convictos, e cada qual no âmbito das suas atividades, divulguem, por preceito e exemplo coerente, o modo de viver certo, os princípios da reforma de saúde.

A reforma sanitária, se fôsse divulgada muito mais do que está sendo, exerceria tão poderosa influência entre o povo, que sua elevada importância estaria logo acima de qualquer discussão, pois que suas vantagens se tornariam patentes a todos os olhos: os males sociais, como por exemplo, o alcoolismo com seu cortejo de acidentes, delitos e crimes; os assaltos, os roubos, os estupros, os atos de tarados e todos os agravos morais, etc.; tôdas essas coisas diminuiriam sensìvelmente; os

hospitais, manicômios e cadeias teriam menos fornecedores; a polícia, mais descanso; os médicos, mais folga; as farmácias, menos clientes.

"Caso a obra de temperança fôsse levada avante...; se... expuséssemos diante do povo os males da intemperança no comer e no beber, e especialmente o mal das bebidas alcoólicas; uma vez que estas coisas fôssem apresentadas em ligagação com os sinais da próxima vinda de Cristo, haveria uma sacudidura entre o povo. Se mostrássemos zêlo proporcional à importância das verdades de que estamos tratando, seríamos instrumentos em salvar centenas, ou, antes, milhares da ruína". 2TSM:399.

O próprio senso comum nos dá a cada passo exemplos frisantes da importância que o regime alimentar exerce sôbre a existência humana: progresso intelectual, moral e sanitário.

Todo esfôrço que fizermos por divulgar os princípios da reforma de saúde, exaltando o viver certo e condenando o viver errado, será um bem que faremos à humanidade.

Enquanto outros, pelo fabrico, comércio e enganosa propaganda de produtos destruidores da saúde, se esforçarem para arruinar a vida do povo, fazendo-lhe um grande mal, nós, pela divulgação dos princípios higiênicos, nos esforçaremos por elevar a vida do povo, fazendo-lhe um grande bem.

O mais proveitoso seguro de vida que podemos recomendar a cada indivíduo é a temperança cristã, ou seja, a reforma de saúde. Adotá-la significa utilizar as puríssimas condições da Natureza, alicerçadas nos hábitos racionais de comer e beber, trabalhar e descansar, e em tudo proceder com bom senso, à luz das leis da Natureza, hábitos êsses que regulam a vontade, extinguem os vícios, formam o caráter, asseguram a estabilidade da família, promovem a felicidade do lar, e aproximam a criatura humana do seu Criador.

A Redação.

O VALOR DAS FRUTAS PARA O HOMEM

O homem, a julgar pelo seu instinto natural não pervertido, pelos órgãos do seu aparêlho digestivo, especialmente pela configuração dos seus dentes, é frugívoro. Deve alimentar-se de frutas, mas pode também comer raízes, fôlhas verdes e cereais. As frutas, porém, desde o mais remoto passado, são a sua alimentação básica e sua farmácia natural. Tôdas as frutas são dotadas de propriedades medicinais. Umas são adstringentes, outras emolientes, etc. Umas excitam as funções gástricas, outras ativam as funções intestinais, etc. Muitas dissolvem e expelem os venenos que se acumulam no organismo ou impelem a massa de resíduos orgânicos na última fase da digestão.

Sendo conhecidos êsses benefícios, os antigos adotavam sistemas de tratamento que nos transmitiram como valiosos legados. Assim, temos a viterapia, que é a cura de uvas; maloterapia, que é a cura de maçãs; etc.

A medicina fêz grandes progressos. Os médicos procurando aprofundar-se nos mistérios da Natureza, encontraram nas frutas muitas outras virtudes, desconhecidas dos antigos. Por isso sempre aconselham comer frutas. São riquíssimas fontes de vitaminas e sais minerais. Desintoxicam o organismo, dissolvendo e expelindo os venenos provenientes da carne e de outros artigos prejudiciais, errôneamente usados como alimentos. Se alguém sofre e não sabe que doença ou doenças tem, adote o regime frugívoro, que

resolve qualquer dúvida. Assim diz a voz da experiência de inúmeras pessoas. As frutas são tão valiosas que, por mais que se fale e escreva em seu favor, nunca se lhes enaltecerá suficientemente o valor.

A Redação

A UVA

A uva é uma fruta verdadeiramente providencial, tanto que, em vários países, notadamente em algumas regiões da Alemanha e da Suiça, as pessoas acodem, em grande número, à "cura pela uva".

O efeito terapêutico da uva é devido não só ao açucar e aos fermentos, mas também às soluções aquosas dos sais potássicos que o fruto contém.

A glicose ou açucar de uva é por todos reconhecida como alimento de valor nutritivo apreciável; os fermentos constituem os elementos indispensáveis para a transformação da glicose e contribuem para excitar a função do pâncreas e das células do epitélio intestinal; por fim, as soluções aquosas dos sais potássicos da uva são úteis, porque depuram os tecidos e eliminam as substâncias inúteis do organismo.

Saiba-se que 100 gramas de uva que contenham 16% de açúcar produzem nada menos de 64 calorias.

Da uva tem-se conseguido magníficos efeitos terapêuticos quando se quer combater a atonia e fermentações intestinais, as dispepsias, as moléstias do fígado, as bronquites crônicas, e várias afecções a que somos sujeitos.

A MANGA

A manga é tida em grande conta na medicina doméstica.

Combate as bronquites mais rebeldes, tem propriedades antiescorbúticas, é depurativa do sangue, favorece a diurese.

O Dr. Eduardo Magalhães, do Rio de Janeiro, recomendava a manga aos debilitados, anêmicos, dispépticos e aos que sofrem de bronquite.

Com o uso e abuso da manga, podem apontar-se casos de cura da tuberculose.

A resina que se forma sôbre os galhos também exerce ação depurativa.

As fôlhas novas são tidas como anti-asmáticas.

O suco que esxuda dos ramos é usado como antidiarréico.

Com os brotos dos ramos se prepara um bom vermífugo.

A amêndoa do carôço encerra propriedades vermífugas.

A julgar por suas qualidades nutritivas, a manga deveria ocupar um dos primeiros lugares na ordem de importância entre as numerosas espécies de frutas que enriquecem esta terra.

A Redação.

O INIMIGO NÚMERO UM DOS DENTES

O inimigo número um dos dentes é o açúcar, não sòmente o açúcar em natureza, mas também as balas, os doces e os farináceos (pão, bolachas, etc.). Os resíduos dêsses alimentos, aderidos aos dentes, facilitam, com a fermentação, a proliferação de germes altamente prejudiciais aos dentes.

Além dêsse inconveniente, o açúcar e os doces, entrando em abundância na alimentação, sobretudo das crianças, prejudicam os dentes também indiretamente, substituindo alimentos mais adequados e mais próprios para fornecer ao organismo os elementos construtores dos dentes.

Por isso, deve-se reduzir ao mínimo possível a quota de açucar e de doces na alimentação, especialmente das crianças, e quando usarem tais alimentos, os dentes deverão logo ser cuidadosamente limpos. — SPES de S. Paulo.

——//——

PORQUE SAÍ DA CLASSE NUMEROSA E NÃO PRETENDO VOLTAR PARA ELA — IV

Pedro Tavares Santana

Confusão Doutrinária

13 — Noto que a grande questão em tôrno da igreja de Laodicéia não tem nada a ver com as fraquezas de indivíduos faltosos, que haja na igreja, mas, sim, com a própria doutrina, com os próprios princípios, de que a igreja se afastou em caráter denominacional e oficial.

Lendo as publicações doutrinárias da "classe numerosa", encontro tantas conjeturas de homens, tantos conceitos flagrantemente antagônicos que, se eu quisesse voltar para lá, não saberia o que crer. Teria que escolher algumas dessas idéias ou formar meu próprio quadro de crenças, conforme fizeram diversos que para lá voltaram, aprovando diversas maneiras de crer, menos aquela ensinada na Lei e nos Testemunhos.

Vejamos, a seguir, um resumo dos pontos mais discutidos:

a — O Dom de Profecia

Algumas vêzes afirmam que a irmã White era inspirada; outras, negam essa afirmativa; em algumas publicações ensinam que os Testemunhos são normativos e imprescindíveis para os adventistas, ao passo que outras ensinam que qualquer pessoa pode ser adventista do sétimo dia mesmo que não creia nem obedeça aos Testemunhos, e que não fazem "da aceitação dos seus escritos um assunto de disciplina na igreja" (Questions on Doctrine, p. 96).

b — A Reforma

Sôbre êsse ponto, do qual depende a salvação da igreja, apresentam muitas e diferentes interpretações, tudo através dos órgãos oficiais da igreja.

Quando pretendem acalmar a consciência dos que se estão despertando para a Reforma, escrevem que a igreja, de fato, carece de uma reforma e citam textos dos Testemunhos que a pedem com a devida "reorganização, mudanças de idéias, teorias, hábitos e práticas" (SC:42). Outras vêzes ensinam que a Igreja Adventista mantém intacta a sã doutrina que lhe foi confiada; que a reforma pedida pelo Espírito de Profecia é sòmente um reavivamento dos membros faltosos e mornos, que sempre houve na igreja de Deus; dizem também que, conforme pedido da irmã White, a igreja se reformou já em 1901. Outras vêzes ensinam que uma reforma se realizará dentro da Igreja Adventista, fazendo uma obra maravilhosa.

Os que crêem que o tempo de fazer-se a reforma ainda não chegou, têm várias idéias quanto à época em que ela deverá vir. Assim, uns ensinam que virá na chuva serôdia; outros, que virá sob a lei dominical obrigatória; outros, que virá na angústia de Jacó.

Aparece depois outro artigo dizendo que "o momento é de ação", e quem quiser reformar-se fique alerta, porque é "chegado o tempo", etc., etc.

Resultado: Diante de tão variadas explicações, a situação espiritual da igreja piora cada vez mais.

Como se vê, a igreja não sabe o que diz quando fala em reforma. Dizendo que a Reforma de 1914 foi prematura, desmente abertamente o Espírito de Profecia que em 1903 declarou:

"É chegado o tempo para se realizar uma reforma completa". 3TSM:254.

E outra vez desmentem o Espírito de Profecia que em 1913 declarou:

"Necessitam-se agora homens de claro entendimento. Aquêles que estão prontos para serem guiados pelo Espírito Santo, Deus os chama para tomarem a dianteira numa obra de completa reforma. Vejo uma crise diante de nós, e Deus chama Seus obreiros a tomar seus postos. Cada alma deveria agora estar numa condição de mais profunda e verdadeira consagração a Deus do que em anos passados... Meus irmãos: O Senhor está falando a nós. Não atenderemos à Sua voz? Não haveremos de preparar nossas lâmpadas e agir como homens que aguardam a vinda do seu Senhor? Agora é o tempo em que se requer que a luz seja exposta e que haja ação". TM:514, 515.

Por que, então, qualificar de prematura a Reforma de 1914?

c.— O 4.º Anjo de Ap 18:1.

Se eu voltasse para a "classe numerosa" não saberia como crer na doutrina do 4.º anjo de Apocalipse 18:1, uma vez que a igreja, através de suas publicações, ensina o seguinte:

— O 4.º anjo são as suas casas publicadoras;
— O 4.º anjo são os milhares de colportores adventistas que vendem por todo o mundo a sua literatura;
— O 4.º anjo é um grande avivamento, em que milhares se batizam num dia, e isso já se verifica na Igreja Adventista;
— O 4.º anjo ainda não veio, mas virá no futuro;
— O 4.º anjo não existe;
— Não há três nem quatro anjos, mas um só — um só movimento — sem divisão.

d — Atitude para com a Guerra

A respeito de participar na guerra, a "classe numerosa" é verdadeiramente confusa. Numa revista ensinam que, de fato, foram à guerra em 1914, mas que os que foram ou deram ordem para ir, arrependeram-se e pediram perdão. Já noutra revista doutrinam que foram à guerra, sim, mas que tanto a Bíblia como o Espírito de Profecia permitem "defender a pátria", e que a própria irmã White encorajou os jovens a fazerem o serviço militar.

Ora, se assim é, então é lícito ir à guerra; nesse caso, por que "se arrependeram e pediram perdão" depois de terem ido à guerra em 1914?

A difundida asserção de que, agora, a igreja não vai mais à guerra, porque os seus jovens fazem o curso de "enfermeiros padioleiros", não passa de um estratagema para acalmar os mais escrupulosos. Êsse curso é feito por uma minoria, e só em alguns países do mundo. Em caso de guerra, pegam em armas, uma vez que a igreja lhes dá inteira liberdade de consciência para isso.

A Revista Adventista de setembro de 1953, pág. 5, declara que o curso de "enfermeiros padioleiros" tem por objetivo preparar jovens para servirem durante a futura guerra do Armagedom, no fim das pragas. Acaso valerá então algum remédio para curar as feridas da guerra?

Querendo aliviar o efeito das pragas sôbre os ímpios, a "classe numerosa" presume ser mais misericordiosa do que o próprio Deus, pois, ao passo que Êste decidiu castigar, ferir e destruir sem misericórdia os pecadores, aquela os quer aju-

dar, curar e restaurar. Vão contra o propósito de Deus!

e — A Doutrina do Assinalamento dos 144.000

Para os pioneiros do advento e para a irmã White, a doutrina do assinalamento dos 144.000 não encerrava dúvida. A Igreja Adventista, grande, porém, desertou da Verdade sôbre êsse ponto, e hoje, como se vê na sua literatura, ela não sabe mais o que crer a respeito. Numa Revista dizem que a irmã White teria mandado guardar silêncio sôbre o assunto dos 144.000, ao passo que noutra Revista valem-se dos escritos da profetisa, torcidamente, para acharem apoio para as suas últimas e disparatadas idéias. Por fim, na Revista Adventista de maio de 1959, publicaram a última "novidade", a saber, que os 144.000 são os únicos que jamais provarão a morte, ao passo que os excedentes terão que morrer antes do comêço das sete últimas pragas. Essa doutrina absurda lança por terra o ensino dos pioneiros e da irmã White, de que a obra do assinalamento começou em 1844. Porque, se nenhum dos 144.000 assinalados passa pela morte natural, o assinalamento não pode ter começado há mais de 100 anos; terá lugar ainda no futuro, nos últimos dias de graça. Onde fica, diante dessa "nova luz", a antiga literatura adventista, bem como todos os Testemunhos, que apresentam o assinalamento dos 144.000 começado em 1844?

Pior do que tudo isso, são as contradições que tal "nova luz" encerra. Analisemos:

A "classe numerosa" tem, atualmente, cêrca de 1.300.000 membros em sua comunhão. Segundo declara a irmã White em SC: 253, § 2 (n. e.), a prometida *chuva serôdia cairá sôbre a maior parte dos membros da igreja.* Ora, a maior parte de 1.300.000 são mais de 650.000, os quais, segundo essa "nova luz", receberiam a chuva serôdia, se ela caisse hoje. Mas a chuva serôdia é aguardada para o futuro, e, antes que ela caia, muitos ainda deverão aderir à igreja, e as citadas cifras possìvelmente se duplicarão ou, quem sabe, se triplicarão. Depois, em vindo a chuva serôdia, deve ainda aderir à igreja "a grande massa dos verdadeiros seguidores de Cristo" (C:390), em atenção ao alto clamor que os chamará a sair de Babilônia. "Milhares se converterão num só dia", como na festa do Pentecostes. O número de membros ainda aumentaria assombrosamente. Haveria, finalmente, calculando por baixo, mais de um milhão de adventistas participantes da chuva serôdia. Aí é que está a complicação: Essa multidão teria que morrer instantâneamente, com exceção dos 144.000 que, segundo a "nova luz", são os únicos que não verão a sepultura. Que profecia prevê a morte instantânea e sobrenatural de tantas almas crentes, cheias do Espírito Santo? Que boa razão há para se imaginar uma coisa assim? Aparece ainda uma complicação maior: Essa grande multidão de mais de um milhão de adventistas, deveria receber o sêlo de Deus, pois está escrito que "*todos* os que se mostraram fiéis aos preceitos divinos receberam o 'sêlo do Deus vivo' " (C:613). Mas a Bíblia e os Testemunhos prevêem só 144.000 assinalados, o que significa que os demais não foram achados fiéis.

Além disso, essa "nova luz" anula, automàticamente, a ressurreição parcial, pois, conforme o Espírito de Profecia, serão ressuscitados "os que haviam morrido na fé da mensagem do terceiro anjo, guardando o sábado" (2T:233). Ora, a mensagem do terceiro anjo é a mesma mensagem do assinalamento. E se nenhum dos 144.000 pode experimentar morte ou sepultura, conforme preconisa agora a "classe numerosa", quem são êsses que vão sair dos sepulcros na ressurreição parcial, após a qual o número dos santos vivos sôbre a Terra não vai além de 144.000? (VE:58).

——//——

DIAS DE LUTA

E. G. White

Desde a infância agia (Jesus) independetemente das leis dos rabinos. As Escrituras do Velho Testamento eram Seu constante estudo, e as palavras "Assim diz o Senhor", Lhe estavam sempre nos lábios.

À medida que as condições do povo começaram a ser patentes ao Seu espírito, viu que as exigências da sociedade e as de Deus se achavam em constante conflito. Os homens se estavam afastando da palavra de Deus, e exaltando teorias de sua própria invenção.

Por todos os meios brandos e submissos, procurava Jesus agradar àqueles com quem estava em contato. Por ser tão amável nunca estorvando a ninguém, os escribas e enciãos julgavam que seria fàcilmente influenciado por seus ensinos. Insistiam com Êle para que aceitasse as máximas e tradições que haviam sido transmitidas dos antigos rabis, mas Jesus pedia para as mesmas a autorização da Santa Escritura.

Sabiam os rabinos que nenhuma autoridade se podia encontrar nas Escrituras para suas tradições... Não podendo convencê-lO, buscaram José e Maria, expondo-lhes Sua atitude de insubmissão. Assim sofreu Êle repreensão e censura.

Desde mui tenra idade, começara Jesus a agir por Si na formação de Seu caráter, e nem mesmo o respeito e o amor dos pais O podiam desviar de obedecer à Palavra de Deus. "Está escrito", era Sua razão para cada ato que destoasse dos costumes domésticos. A influência dos rabinos, porém, tornou-Lhe amarga a vida. Mesmo na mocidade teve que aprender a dura lição do silêncio e da paciência no sofrimento.

Jesus trabalhava para aliviar todo caso de sofrimento que via. Pouco dinheiro tinha para dar, mas privava-Se muitas vêzes de alimento, a fim de minorar a necessidade dos que pareciam mais carecidos que Êle. Seus irmãos sentim que Sua influência ia longe em anular a dêles. Era dotado de tato que nenhum dêles possuía, nem desejava obter. Quando falavam àsperamente aos pobres e degradados, Jesus procurava exatamente aquêles sêres, dirigindo-lhes palavras de animação. Aos que estavam em necessidade, oferecia um copo de água fria e punha-lhes no regaço Sua própria refeição. Aliviando-lhes os sofrimentos, as verdades que ensinava eram associadas a esses atos de misericórdia, sendo assim fixadas na memória.

Tudo isso desgostava os irmãos. Sendo mais velhos que Jesus, achavam que Êle devia estar sob sua direção. Acusavam-nO de Se julgar superior a êles, e O reprovavam por Se colocar acima dos mestres, e dos sacerdotes e príncipes do povo. Muitas vêzes O ameaçavam e procuravam intimidá-lO; mas Êle seguia avante, tomando por guia as Escrituras.

Da amargura que cabe em sorte à humanidade, não houve quinhão que Jesus não provasse. Não faltou quem procurasse lançar sôbre Êle desprêzo por causa de Seu nascimento, e mesmo na infância teve de enfrentar olhares desdenhosos e ruins murmurações. Houvesse respondido com uma palavra ou olhar impaciente, houvesse cedido aos irmãos em um único ato errado que fôsse, e teria fracassado em ser exemplo perfeito. Tivesse admitido haver uma desculpa para o pecado, e Satanás triunfaria, ficando o mundo perdido. Foi por isso que o tentador trabalhou para tornar-Lhe a vida o mais probante possível, a fim de que fôsse levado a pecar.

Para cada tentação, porém, tinha uma única resposta: "Está escrito". Raramente censurava qualquer mau procedimento dos irmãos, mas tinha uma palavra de Deus para lhes dirigir. Era freqüentemente acusado de covardia por negar-Se a unir-Se-lhes em algum ato proibido; Sua

resposta, no entanto, era: "Está escrito", "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria e o apartar-se do mal é a inteligência".

Alguns havia que O buscavam, sentindo-se em paz em Sua presença; muitos, no entanto, O evitavam, pois se sentiam reprovados por Sua vida imaculada. Os jovens companheiros insistiam em que fizesse como êles. Jesus era inteligente e animoso; gostavam de Sua companhia, e aceitavam-Lhe as prontas sugestões; mas impacientavam-se com Seus escrúpulos, e declaravam-nO estrito e rígido. Jesus respondia: "Está escrito: 'Como purificará o mancebo o seu caminho? observando-o conforme à Tua palavra' ". "Escondi a Tua palavra no Meu coração, para eu não pecar contra Ti".

Perguntavam-Lhe muitas vêzes: "Por que Te aplicas a ser tão singular, tão diferente de todos nós?" "Está escrito — dizia Êle — 'Bemaventurados os que trilham caminhos retos, e andam na lei do Senhor. Bemaventurados os que guardam os Seus testemunhos, e O buscam de todo o coração. E não praticam iniqüidade, mas andam em Seus caminhos' ".

Quando interrogado acêrca do motivo por que não tomava parte nos frívolos passatempos dos jovens de Nazaré, dizia: "Está escrito: 'Folgo mais com o caminho dos Teus testemunhos, do que com tôdas as riquezas. Em Teus preceitos meditarei, e olharei para os Teus caminhos. Recrear-me-ei nos Teus estatutos: não me esquecerei da Tua palavra' ".

Jesus não contendia por Seus direitos. Muitas vêzes, por ser voluntário e não Se queixar, Seu trabalho era tornado desnecessàriamente penoso. No entanto, não fracassava nem ficava desanimado. Vivia acima dessas dificuldades, como à luz da face de Deus. Não Se vingava, quando rudemente tratado, mas sofria com paciência o insulto.

Repetidamente Lhe era perguntado: "Por que Te submetes a tão maligno tratamento, até de Teus irmãos?" "Está escrito, dizia, 'Filho Meu, não te esqueças da Minha lei e o teu coração guarde os Meus mandamentos. Porque êles aumentarão os teus dias, e te acrescentarão anos de vida e paz. Não te desamparem a benignidade e a fidelidade: ata-as ao teu pescoço; escreve-as na tábua do teu coração. E acharás graça e bom entendimento aos olhos de Deus e dos homens' ".

Desde a ocasião em que os pais de Jesus O acharam no templo, Seu modo de agir foi para êles mistério. Êle não entrava em discussões, todavia o exemplo que dava era uma lição constante. Parecia como pessoa separada. Sua felicidade encontrava-se nas horas em que estava a sós com Deus e a natureza. Sempre que Lhe era concedido êsse privilégio, afastava-Se do cenário de Seus labôres para o campo, a meditar nos verdes vales, a entreter comunhão com Deus na encosta da montanha ou entre as árvores da floresta. O alvorecer freqüentemente o encontrava em qualquer lugar retirado, meditando, examinando as Escrituras ou em oração. Dessas horas quietas voltava para casa, a fim de retomar Seus deveres e dar exemplos de paciente labor.

A vida de Cristo foi assinalada pelo respeito e o amor à Sua mãe. Maria acreditava em seu coração que a santa criança dela nascida, era o tão longamente prometido Messias; não ousava, entretanto, exprimir essa fé. Foi, através da sua existência terrestre, uma partilhadora dos sofrimentos do Filho.

Com dor testemunhava as provações que Lhe sobrevinham na infância e na juventude. Por justificar o que sabia ser direito em Seu procedimento, via-se ela própria em posições probantes.

Considerava as relações domésticas, e a terna solicitude da mãe em tôrno dos filhos, de vital importância na formação do caráter. Os filhos e filhas de José sabiam isto e, prevalecendo-se de sua ansiedade, procuravam corrigir as atitudes de Jesus segundo a norma dêles.

Quando os sacerdotes e mestres solicitavam o auxílio de Maria em dirigir Jesus, ficava grandemente perturbada; o coração tranquilizava-se-lhe, porém, quando Êle lhe apresentava as declarações das Escrituras em apoio de Seu proceder.

Todavia, Jesus atravessou sòzinho a infância, a mocidade e os anos varonis. Em sua pureza e fidelidade, pisou sòzinho o lagar e do povo ninguém havia com Êle. Carregou o tremendo pêso das responsabilidade pela salvação dos homens. Sabia que, a menos que houvesse decidida mudança nos princípios e desígnios da raça humana, todos estariam perdidos. Isto era o pêso de Sua alma, e ninguém podia avaliar a carga que sôbre Êle repousava. Cheio de ardente propósito, realizou o objetivo de Sua vida, a fim de servir de luz aos homens. D:59-64.

——//——

A TENTAÇÃO

Ei-la! Ei-la que vem! Fera bramante
rugindo, ameaçante, qual leão!
Ai! que me sinto fraco, vacilante,
e ela sempre mais perto — a Tentação!

Ei-la que vem! Qual onda avolumante,
furiosa ventania, tempestade,
monstro lendário, ou raio fulminante,
ei-la que vem! E resistir quem há-de?

Mas pressuroso à Cruz o olhar dirijo,
e em Cristo tenho pronto esconderijo.

Entretanto, depois de uma demora,
ei-lo de novo, o Tentador maligno,
com novo estratagema. Manso agora,
assume assim aspecto de benigno.

A fera faz-se logo meiga ovelha,
o monstro infame, serpe traiçoeira:
E persuasivamente, a olhar de esguelha,
seduz, fascina, ao mal atrai, rafeira.

Mas quando a Cristo então eu vou, correndo,
desaparece o Tentador, tremendo...

Anônimo